

Adolescência, sexualidade e formação docente: reflexão e não-diretividade para construção da autonomia

Adolescence, sexuality and teacher education: reflection and not directly to the construction of autonomy

La adolescencia, la sexualidad y la formación del profesorado: la reflexión y la no directividad para la construcción de la autonomía

Hylio Laganá Fernandes*

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Cecília Leiko Jojima**

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Jane Cristina Conzatti Santiago***

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

RESUMO

Este trabalho apresenta como principal foco a formação do professor, foi desenvolvido durante atividades de estágio supervisionado e partiu das experiências vivenciadas por duas licenciandas ao abordarem de maneira não sanitária temáticas de sexualidade na escola (Ensino Médio/ Fundamental). As reflexões aconteceram em dois níveis: o primeiro situado nas vivências e problematizações com os jovens, tendo por base valores como o respeito e questões como o prazer. Um segundo nível aconteceu com a reflexão dos envolvidos sobre suas próprias formações. A perspectiva adotada pautou-se na não-diretividade, dando total liberdade de ação às licenciandas, porém sempre mantendo diálogos ao longo do processo, o que favoreceu a construção da autonomia. Os resultados, seja das ações práticas vividas na escola, seja dos desdobramentos e reflexões disso na formação das licenciandas, apresentam-se consistentes e coerentes com a proposta, contribuindo de forma decisiva na formação docente.

Palavras-chave: Formação Docente. Experiência. Sexualidade e autonomia

ABSTRACT

This work has as main focus on teacher formation, it was developed during supervised activities and involved the experiences of two undergraduates with a non-sanitary work related to issues of sexuality in school (High School / Elementary School). The discussions took place on two levels: the first set and contextualizing the experiences with young people, based on values such as respect and issues such as pleasure. A second level happened from reflections about their own formations involved. The perspective adopted was based on the non-directivity, giving freedom of action to undergraduates, but always maintaining a dialogue throughout the process, which favored the construction of autonomy in that it does not pre-ordered or directed the work. The results of practical actions to be experienced in school, and of reflections and its consequences to the undergraduates' formation, have to be consistent with the proposal, contributing decisively in teacher education.

Keywords: Teacher formation. Experience. Sexuality and autonomy.

RESUMEN

Este trabajo se centra principalmente en la formación de docentes. Se desarrolló durante las actividades de prácticas supervisadas y partió de las experiencias vividas por dos licenciadas al abordar de manera no sanitaria la temática de la sexualidad en la escuela (Escuela Primaria y Secundaria). Las reflexiones se produjeron en dos niveles: en el primero se encuentran las experiencias y problemas relacionados con los jóvenes, basándose en valores como el respeto y cuestiones como el placer. Un segundo nivel pasó con la reflexión de los involucrados sobre sus propias formaciones. La perspectiva adoptada se basa en la no directividad, dando plena libertad de acción a las licenciadas, pero siempre manteniendo el diálogo a lo largo del proceso, lo que favoreció la construcción de la autonomía. Los resultados, sea de las acciones prácticas vividas en la escuela, de la evolución y las reflexiones que la formación de licenciadas, se presentan como consistentes y coherentes con la propuesta, contribuyendo decisivamente en la formación docente.

Palabras-clave: Formación de maestros. Experiencia. La sexualidad y la autonomía.

Introdução: formar-se docente

A formação de professores é frequentemente apresentada como se acontecesse dividida em dois momentos: formação inicial e formação continuada. A formação inicial aconteceria durante as licenciaturas, a continuada após a formatura de graduação e início da vida profissional. Na prática, obviamente, o que se verifica é um contínuo, uma formação que muitas vezes inicia nas representações das crianças em seus jogos de “escolinha” e passam por toda a escolarização: os estudantes ao ingressar numa universidade já carregam anos de experiências de sala de aula, representações culturais, exemplos e estereótipos, que certamente funcionam na elaboração de “modelos docentes” (MIZUKAMI, 1986). Nosso universo de pesquisa delinea-se numa Licenciatura em Ciências Biológicas, no processo de “formação inicial” de uma dupla de estudantes durante a disciplina de Estágio Supervisionado. Nesse processo foram consideradas todas as representações que as discentes carregavam de suas experiências de vida, sendo que algumas dessas concepções suscitaram importantes elementos para reflexões. Foram considerados, ainda, elementos da gestão escolar e a complexidade inerente a uma sala de aula, com toda a diversidade cultural e pessoal de seus atores e as qualidades emergentes da interação entre eles naquele contexto social.

Admitindo esse contexto, e uma perspectiva aponta para a necessidade de formação de professores autônomos, capazes de lidar com os diferentes ambientes que se apresentam e adequar suas ações às diferentes realidades de sua vida profissional (PIMENTA, 1999; MIZUKAMI, 1986), o desafio na formação dos professores nas licenciaturas está em conciliar esses elementos, considerando as concepções que os estudantes já carregam de sua escolarização anterior, mas visando a produção de autonomia que lhes permita transitar adequadamente na pluralidade contextual que encontrarão posteriormente na sua vida profissional.

O presente trabalho apresenta as reflexões derivadas de uma experiência formativa que envolveu de maneira ativa licenciandas em atividade de estágio, praticando intervenções sobre sexualidade com um grupo de estudantes adolescentes entre 15-17 anos e outro de pré-adolescentes, com faixa etária entre 12-14 anos, de uma escola da periferia de Sorocaba, interior de São Paulo. É um trabalho escrito a seis mãos, delineado a partir de planejamentos, ações e reflexões de nosso grupo ao longo de dois anos de contatos com a escola parceira. Já no primeiro ano de convivência e observações realizadas nessa escola, as estagiárias puderam perceber que entre os estudantes havia grande interesse em relação a sexualidade, sendo assim, observou-se a necessidade de realizar um trabalho em educação sexual que suprisse a demanda de dúvidas sobre o sexo e suas consequências.

Desta maneira, procurou-se realizar um trabalho em educação sexual que discutisse questões relacionadas a sexualidade, tendo como pano de fundo a busca pelo prazer e a importância do respeito para a vida sexual destes estudantes. O trabalho com os adolescentes aconteceu antes, e foi justamente o que motivou o desdobramento para o trabalho com os pré-adolescentes. Iniciaremos, portanto, a apresentação do primeiro trabalho, e as consequentes reflexões derivadas, para em seguida comentar a segunda intervenção, tecendo após isso os comentários gerais do processo.

Adolescentes e as questões de gênero: uma discussão reflexiva

Durante as reuniões de orientação para os estágios, momento em que as licenciandas elaboraram a primeira proposta para trabalhar com os adolescentes, uma coisa evidenciou-se: toda a argumentação da intervenção girava em torno de especificações técnicas sobre ciclo menstrual, fecundação, gestação (e a partir disso os métodos contraceptivos adequados) e doenças sexualmente transmissíveis (DST), com suas formas de profilaxia e tratamento. Muito embora esses aspectos sejam importantes, pois sabemos que muitas vezes a gravidez deriva do desconhecimento (preciso) dos processos de fecundação, a abordagem proposta mantinha, apesar da linguagem livre que adotava, uma perspectiva higienista da sexualidade, omitindo por completo a principal motivação que leva os jovens a desejar e buscar sexo: o prazer. As licenciandas, tomadas inicialmente de certa surpresa – uma vez que tampouco em suas trajetórias escolares tiveram contato com uma abordagem diferente sobre a sexualidade – reelaboraram a proposta, incorporando com propriedade o prazer: a questão problematizadora inicial foi justamente perguntar aos jovens *o que seria necessário para uma relação sexual prazerosa*.

Essa abordagem repercutiu muito bem entre os estudantes, que se viram motivados a participar das outras atividades propostas, gerou abertura para o diálogo e propiciou que os jovens se colocassem, discutissem, perguntassem e quisessem saber mais. A estratégia concebida para a realização desse projeto pretendeu promover nos/as estudantes a reflexão em relação à temática “Sexualidade”, pois acreditamos que através da provocação sobre temas relevantes para os/as adolescentes, e posterior discussão aberta sobre eles, pode haver mudança na postura dos/as jovens frente as situações relacionadas ao sexo e prazer que vivenciam no seu cotidiano, visando uma vida saudável. Nesse sentido foram desenvolvidas algumas dinâmicas para abordar o tema sexualidade em sala de aula:

Dúvidas anônimas: num momento anterior à intervenção foi proposto que os estudantes escrevessem anonimamente dúvidas que tivessem sobre práticas sexuais; as questões formuladas foram depositadas em uma urna fechada e serviram de referência para nortear as ações, ou seja, a partir desse universo adequamos nossa proposta. Exemplos de perguntas: *“Como funciona o ciclo menstrual?”*; *“Com quantos anos o adolescente começa a liberar esperma?”*; *“Qual o lugar do corpo que a mulher sente mais prazer?”*; *“Corre risco de pegar doença se gozar na boca?”*; *“Bolinhas de sex shop traz algum prejuízo para a saúde?”*; *“Existe a possibilidade de uma mulher engravidar na primeira relação, mesmo usando pílula e camisinha?”*.

Questão instigadora: A partir da análise das perguntas anônimas, que permitiram-nos situar o nível que poderíamos aprofundar as discussões, iniciamos a intervenção com a pergunta: *“O que você acha que é necessário existir para que uma relação sexual seja realmente boa?”*. Todas as respostas foram anotadas no quadro negro. Em seguida realizamos uma discussão sobre os temas sexo e suas conseqüências, deixando claro que o prazer é o elemento principal - e natural - buscado em uma relação sexual; que filhos são uma consequência maravilhosa, mas que é necessário escolher o momento correto para tê-los; e que doenças devem ser evitadas.

Filme: Exibição do filme *“Era uma vez outra Maria”* (INSTITUTO PROMUNDO, 2006), com duração de 16 (dezesseis) minutos, que aborda temas como divisão de gênero, masturbação, namoro, gravidez na adolescência. Após o filme realizamos discussão sobre tais temas.

Brincadeira com balões: Primeiramente perguntamos quais eram suas concepções de “ficar” e “namorar”. Em seguida, utilizando uma proposta de Priotto (2008) organizamo-los em duplas e

pedimos que se posicionassem de frente um para o outro com um balão de festa entre seus corpos propondo que os participantes virassem de costas e, evitando a utilização das mãos, não deixassem o balão cair (manobra repetida duas vezes); a seguir pedimos que as duplas tentassem trocar seus balões, ainda sem o uso das mãos. Após a dinâmica discutimos quais seriam as possíveis simbologias do balão numa relação, e se foi difícil mantê-lo no lugar quando realizaram as movimentações. Discutimos sobre a necessidade de ter respeito por si próprio e pelo outro quando há “alta rotatividade” de relacionamentos, e da necessidade de inculcar o respeito nas relações afetivas.

Momento teórico: Com o auxílio de painéis e figuras ilustrativas, explicamos a anatomia e a fisiologia dos sistemas reprodutores masculino e feminino.

Práticas sexuais: Pedimos aos/as estudantes que formassem grupos e lhes demos alguns minutos para que nos listassem todas as práticas sexuais, carícias e posições que conheciam – ou que já haviam ouvido falar. Estes/estas ainda apresentavam algum constrangimento, mas a dinâmica foi conduzida pelas autoras de forma natural e sem vergonha diante do tema, conversando com cada grupo sobre a proposta. Ao final todos listaram várias práticas, tais como: “masturbação”, “sexo oral”, “de quatro” (dentre vários outros), que anotamos no quadro. Em seguida, perguntamos sobre cada prática – se estes sabiam o que significava (em caso negativo, explicávamos brevemente); se resultava em gravidez; se era uma prática passível de transmitir doenças e o que seria necessário fazer para evitar tais conseqüências.

Explicação de uso: Realizamos demonstração de como deve ser utilizado um preservativo masculino em um cabo de vassoura – deixando claro que a manobra deve ser feita no pênis ereto. Mostramos um preservativo feminino e explicamos sua utilização e explicamos a necessidade da utilização de filme plástico para a prática de sexo oral.

Respostas às dúvidas prévias: Respondemos todas as perguntas formuladas anonimamente sobre sexualidade, para que as pessoas tivessem contempladas suas dúvidas. Nesse momento retomamos a questão instigadora para analisarmos se houve avanço em relação às primeiras colocações.

Distribuição de preservativos: Disponibilizamos preservativos para quem tivesse interesse e explicamos que os postos de saúde realizam esta distribuição gratuitamente e que existem preservativos específicos para adolescentes em formação.

Dinâmicas que levantaram a questão de gênero

Com o desenvolvimento do trabalho foi ficando claro para as licenciandas que um fenômeno cultural relacionado à sexualidade ia ganhando forma – que dizia respeito justamente às questões de gênero que subjaziam às colocações dos jovens. A partir dessa constatação houve uma mudança na perspectiva e novas leituras se fizeram necessárias, levando a discussão para o campo dos Estudos Culturais, especificamente para as questões de gênero. Nenhuma novidade nos fatos, afinal elas sabiam, por vivência e experiência, da submissão da mulher em nossa cultura: a novidade aparece justamente pelo desvelamento do óbvio, da construção cultural que naturaliza diferenças nos papéis sociais mulheres/homens; desvela-se justamente ao constatar no outro preconceitos que nós mesmos trazemos

introjetados. A partir daí as discussões/reflexões realizadas adquiriram outras dimensões, enriqueceram seu repertório, auxiliaram a compreender comportamentos e propor outras formas de interação com os jovens.

Vários foram os momentos em que essa questão esteve veladamente presente, como na conversa realizada após o filme, em que houve a necessidade de provocação a respeito dos papéis que os homens e as mulheres têm na sociedade - mesmo o filme trazendo claramente a questão de desigualdade entre os gêneros¹ os/as estudantes não perceberam e não comentaram nada quando questionados sobre o fato. Uma observação durante o filme que ilustra essa questão merece ser destacada: aconteceu em momentos que houve insinuação de que o menino e a menina masturbaram-se. Não houve estranheza em relação ao menino entrando no banheiro com uma revista erótica (até com a aprovação silenciosa do pai); porém, quando a menina está na cama pensando em meninos nus e tocando-se houve considerável comoção – tanto dos adolescentes quanto das adolescentes. Em certo momento exclamaram “*que safada!*”, demonstrando claramente que às mulheres não seria natural dar-se prazer, devendo estas permanecerem reprimidas e recatadas, uma vez que o prazer sexual seria “normal” apenas para os homens. A questão de gênero é tão forte, que a exclamação preconceituosa tanto poderia ter originado de um menino (exercitando o papel de gênero dominante), quanto de uma menina envergonhada por explicitarem seu desejo reprimido de satisfação sexual.

Na dinâmica “*práticas sexuais*” os/as estudantes conseguiram abordar corretamente, na maioria das vezes, a questão de presença/ausência de riscos e os métodos adequados para evitá-los. Observamos clara distinção entre o comportamento dos meninos que verbalizaram posições sexuais consideradas mais lascivas (“*de quatro*”, “*sexo oral*”, etc); enquanto que as meninas, em sua grande maioria, citaram práticas sexuais mais “inocentes” (“*beijar pescoço*”, “*papai-mamãe*”, etc.). E, por último, quase a totalidade dos/as estudantes que aceitaram o oferecimento de preservativo foi constituída por meninos.

Estes comportamentos são considerados “normais” na maioria das sociedades modernas, pois o homem, no seu papel de macho dominante, não somente tem a permissão para agir desta forma, como também as manifestações culturais lhes corroboram a dominação sobre as mulheres. Era esperado que uma quantidade maior de meninos pegassem preservativos - o que de fato aconteceu - pois tal comportamento é encarado pelo garoto como uma confirmação de sua masculinidade e potência não apenas para si mesmo, mas sobretudo para seus companheiros de gênero. Em relação às meninas, salvo raras exceções, estas recusaram o oferecimento do preservativo, posicionando-se exatamente como a sociedade doutrinou e espera que estas ajam: envergonhadas de encarar sua própria sexualidade e assumir que são pessoas que possuem desejos e necessidades sexuais semelhante aos dos meninos (PARKER, 1997; RIVEMALES, 2009).

¹O filme mostra a menina querendo assistir televisão com o pai e irmão após o jantar e sua mãe trazendo-a para a cozinha a fim de ajudá-la em sua arrumação.

Gênero e poder de decisão

O tópico gravidez esteve presente nas discussões e também nas perguntas anônimas elaboradas pelos/as estudantes. Essas perguntas foram categorizadas em seis grupos de acordo com critérios estabelecidos pelas autoras, relacionados às diferentes temáticas inseridas no universo da sexualidade: “Ciclo Menstrual”, “Início da Vida Sexual”, “Prazer”, “Prevenção e Doenças Sexualmente Transmissíveis”, “Saúde Sexual” e “Gravidez e uso de Anticoncepcional”. Dentre estas dúvidas iniciais, 29% relacionaram-se à Gravidez e uso do Anticoncepcional; 21,5%, à Saúde Sexual; 20% relacionadas a questões de Prevenção e DSTs; as outras categorias apresentaram porcentagens mais baixas. Estes dados mostram-se como uma indicação de que as meninas estão preocupadas com o risco de gravidez (indesejada); este comportamento remete à questão de que, culturalmente, a gravidez sempre foi encarada como uma responsabilidade quase que única das mulheres e, durante as práticas, os/as estudantes disseram que casos de gravidez na adolescência freqüentemente terminam com a adolescente prejudicada - tanto perante a família, quanto pela sociedade.

Esse número elevado de meninas com preocupações sobre gravidez pode significar que o preservativo não é frequentemente utilizado. Isso levanta como hipótese a dificuldade da mulher em pedir seu uso, ou de interromper - ou mesmo evitar - a relação quando o parceiro não concorda com tal pedido; reflete a dominação da vontade do homem sobre a mulher, e que ao homem ainda é reservado o poder de decisão sobre um comportamento sexual mais seguro. Oliveira (2001) considera que as práticas de sexo seguro ocorrem no âmbito das relações entre os gêneros e estão correlacionadas com as relações de poder que determinam situações de subordinação e dominação, que se manifestam, principalmente, no campo da sexualidade; e Parker (1997) afirma que a possibilidade de negociar o uso da camisinha e práticas semelhantes fica profundamente limitada pela própria estrutura dos valores e papéis sexuais.

Estes comportamentos acontecem normalmente no início dos relacionamentos, quando a garota quer a relação, mas encontra-se insegura em sua continuidade e necessita agradar ao parceiro - e as relações de respeito ainda não estão completamente configuradas. Nos relacionamentos em que o parceiro exerce dominação emocional, a mulher tem o receio de pedir o preservativo, pois propô-lo significaria colocar sua própria fidelidade em dúvida aos olhos do parceiro (MADUREIRA e TRENTINI, 2008). Sanches (1999) complementa dizendo que quanto menor poder de barganha tem a mulher, mais difícil é para ela “pedir” ao parceiro que use o preservativo, pois ao insistir (ou simplesmente pedir) para que seus parceiros usem o preservativo, algumas mulheres receiam estar colocando em risco a sua relação amorosa ou mesmo perder seus parceiros. Esses elementos foram discutidos em nossas reuniões de orientação, e também apareceram nos momentos das intervenções.

Discutindo a (form)ação

A experiência exposta carrega, do ponto de vista da formação docente, alguns aspectos muito interessantes. O primeiro diz respeito ao reposicionamento frente ao saber escolar, o segundo à abertura para a análise cultural de um fenômeno vivenciado na sala de aula. Primeiramente temos, portanto, um rompimento com a abordagem higienista tradicionalmente encontrada nas escolas com relação à sexualidade, inclusive que as licenciandas traziam embutidas de suas formações: fez-se necessário

repensar esses saberes escolares que sanitizam o sexo, afastando-se da realidade e deformando a sexualidade a ponto de excluir seu principal componente: o prazer. O sexo na escola frequentemente apresenta-se como genitálias, ovulações, fecundação, doenças - porque é pecaminoso, é tabu em nossa cultura falar sobre o prazer sexual.

Foi a partir dessa constatação que as licenciandas puderam promover a primeira transformação no ensino, propondo uma abordagem *a partir do* prazer – e não *a despeito do*. Isso aproximou a discussão à realidade dos estudantes: a gravidez das adolescentes é, na maioria dos casos, um acidente ou um desejo inconsciente, não uma vontade consciente; o prazer é a vontade consciente, é o motivo para o sexo. Um outro salto ocorreu num momento posterior, de reflexões sobre os resultados e reflexões sobre essas reflexões, como diria Schön (1983), quando, desde o ponto de vista das licenciandas, foi possível constatar, mas não interpretar o fenômeno que se descortinava, que dizia respeito a repressão da mulher. Foi necessário um outro olhar, com leituras no campo curricular dos Estudos Culturais (SILVA, 2008), para que se formassem sentidos capazes de extrapolar o senso comum, a cegueira da naturalização cultural para as diferenças de gênero, e compreender o fenômeno para (re)discuti-lo. Esse processo foi muito significativo, tanto que motivou a continuidade do trabalho na escola, direcionando a atenção agora para o Ensino Fundamental, que segundo a proposta do governo de São Paulo trata o tema sexualidade no oitavo ano. Essa ação se tornou mais premente quando espalhou-se pela escola a notícia que uma menina do sétimo ano, com 12 anos, estava grávida.

Pré-adolescentes e iniciação sexual: momentos de transição

Para o trabalho da sexualidade com os pré-adolescentes, houve a necessidade de adaptarmos as dinâmicas para que a linguagem e a abordagem fossem as mais próximas dos/das estudantes. Foi solicitado, por parte da direção da escola, que utilizássemos uma linguagem menos explícita, por considerarem que os estudantes do ensino fundamental são ainda imaturos para terem contato com uma linguagem explícita sobre sexo e sexualidade.

Assim, para o ensino fundamental, partimos das dúvidas prévias dos/das estudantes para nortear a prática desenvolvida, também escritas anonimamente e depositadas em uma urna. As dúvidas foram trabalhadas de maneira integrada, ao longo de toda a prática, sempre havendo diálogo com os/as estudantes. As categorias estabelecidas para organizar as dúvidas foram: “Uso do Anticoncepcional”, “Preservativo”, “Emocional”, “Prazer”, “Saúde sexual”, “Gravidez”, “Primeira vez” (Gráfico 1) e “Homossexualidade” - esta última presente apenas nas perguntas das meninas (Gráfico 2).

Gráfico 1. Representação das diferentes categorias definidas na dinâmica “Respostas às Dúvidas Prévias” dos pré-adolescentes (meninos).

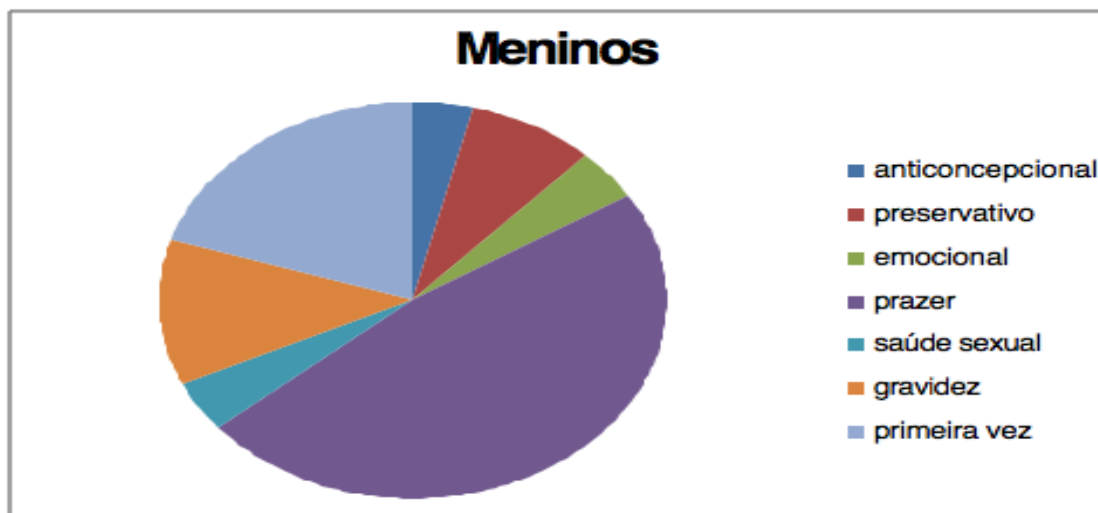
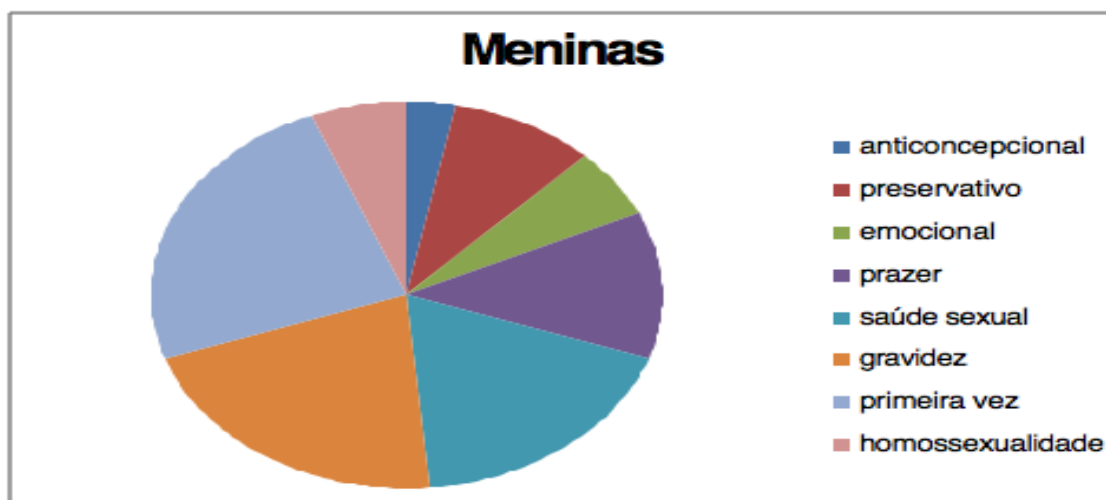


Gráfico 2. Representação das diferentes categorias definidas na dinâmica “Respostas às Dúvidas Prévias” das pré-adolescentes (meninas).



É possível realizar uma comparação entre as principais dúvidas formuladas por elas em comparação a eles: a frequência com que se preocuparam com gravidez, elas (18,2%), eles (12%); saúde sexual, elas (12,1%), enquanto que para eles nem apresenta-se como uma das mais frequentes (4%). Nas principais dúvidas formuladas por elas encontra-se a categoria “primeira vez” (24,3%) que, para eles teve frequência de 20%, demonstrando-nos que tal preocupação apresenta-se com a mesma intensidade entre elas e eles, em sua maioria ainda sem ter tido a primeira relação sexual. Outra categoria merece destaque em nosso estudo que é a relacionada ao “prazer”: para eles representou 48% do total das

perguntas, enquanto que para elas apenas 12,1%. Em relação ao preservativo, nota-se certa despreocupação por parte de ambos os sexos, com frequência entre elas de 9,1% e entre eles de 8%.

As questões relacionadas a “prazer” e “primeira relação” parecem sobrepor-se em alguns aspectos, embora com mudanças evidentes no enfoque: para elas as dúvidas da primeira vez geralmente são voltadas para dor e sangramento, significando haver uma barreira nítida para a existência do prazer nas relações sexuais; para eles nota-se que parte das questões sobre “prazer” remetem-se também a dúvidas sobre iniciação sexual (ou falta de experiência sexual), mas não estão associadas a algum tipo de dor ou desconforto. O que nos revela que para eles a preocupação com o prazer é a mais forte e frequente, mesmo quando relacionado à primeira relação sexual, enquanto que para elas o medo da dor prevalece. Aqui temos embutidas questões de gênero, embora esfumadas por questões biológicas: se por um lado é verdade que as primeiras relações da mulher podem ser doloridas, também é verdade que a repressão da sexualidade feminina limita o auto-toque e a masturbação, refreando o conhecimento do próprio prazer. Os meninos, que desde cedo manipulam-se, tem contato mais aberto com o prazer erógeno.

Tais diferenças nos revelam a questão de gênero inserida nas dúvidas anônimas, que representam seus anseios secretos, revelando que as preocupações femininas diferem das masculinas, e a questão de gênero já apresenta-se introjetada na vida dos pré-adolescentes. Tal fato pode ser analisado com uma maior preocupação delas com o corpo e seus processos, enquanto eles preocupam-se mais em relação ao prazer. A partir dessas referências, já bastante ricas em significados, elaboramos como questão instigadora algo que discutisse essas questões: o foco não foi a relação sexual propriamente dita, uma vez que os questionamentos e receios recaiam sobre a primeira relação sexual. Dessa forma, a questão desenvolvida para este público foi: *“O que é preciso conhecer para lidar bem com a sua sexualidade?”*.

No momento seguinte, realizamos uma explicação fisiológica, e esta partiu de uma demanda dos próprios estudantes, visto que estes não entendiam o porquê de que apenas a mulher menstrua. Explicamos os dois aparelhos reprodutores de forma conjunta para que eles e elas conseguissem construir o conhecimento de forma integrada. A dinâmica “Práticas sexuais” não foi realizada, por abordar termos explícitos de uma relação sexual propriamente dita, e visto que esse não era o foco para os pré-adolescentes, decidimos não aplicar tal dinâmica. Com os pré-adolescentes, a direção proibiu a disponibilização dos preservativos. Esse fato demonstra claramente o posicionamento de parte dos gestores frente a essa questão, que ainda é tratada como um tabu nas escolas. A justificativa explícita para essa proibição é a de que os pais dos/das pré-adolescentes poderiam “criar problemas”, pois, com a disponibilização de preservativos a escola estaria *“incentivando estes adolescentes a praticarem sexo”*.

Embora isso possa parecer “politicamente correto”, uma vez que esse discurso se apresenta com vestes de neutralidade frente à problemática, é justamente nessa postura hipócrita e moralista que encontramos um dos motivos da educação sexual ser ainda tão ineficaz nas escolas, uma vez que via de regra não há enfrentamento a tipo de questão, por ser considerada delicada, polêmica e de responsabilidade da família, e não da escola. As famílias, por sua parte, geralmente delegam essa função às escolas, alegando implicitamente incapacidade para lidar com esse assunto tabu. Os jovens, nesse “jogo de empurra”, ficam sem orientação adequada, fazendo suas descobertas por conta própria, com

informações distorcidas e equivocadas veiculadas pelos amigos ou aquelas disponibilizadas pelas mídias, muitas vezes bastante manipuladas e parciais.

Diante desta situação, proibidas de distribuir, decidimos realizar um momento no qual explicamos a utilização de um preservativo, mostrando dois tipos deles para que os estudantes pudessem manusear: o mais comumente encontrado, e também o preservativo adequado aos adolescentes cujo pênis ainda está em formação, necessitando ter um diâmetro menor (49 mm). Neste momento da intervenção, o comportamento de grande parte da turma chegou a atrapalhar na continuidade das dinâmicas. Numa sala-de-aula sempre há conversas paralelas e outras manifestações, mas neste caso, isso foi tão intenso que os estudantes dispersaram demasiadamente, dificultando nosso trabalho. Em relação a esse aspecto da “bagunça”, inicialmente nos frustramos um pouco por não termos conseguido realizar as dinâmicas da maneira que havíamos planejado. Mantivemos a dinâmica “Brincadeira com Balões” (PRIOTTO, 2008) igual para os/as pré-adolescentes. No momento da dinâmica, quando perguntados sobre o significado dos balões (após serem instigados com o tema “ficar” e “namoro”), muitos responderam “gravidez”, “filho” – pensando apenas na parte física envolvida em uma relação amorosa; mas outras/outros disseram “carinho”, “amor”, “afinidade” e uma estudante em específico disse “o que é necessário para um relacionamento dar certo”, evidenciando que, apesar da pouca idade, os/as pré-adolescentes compreendem as necessidades de um relacionamento.

Apesar dos bons resultados, neste primeiro grupo havia uma parcela que participava e assistia atentamente a dinâmica e explicações, e outra parcela dispersava o foco centrando mais na parte lúdica das dinâmicas, sem se interessarem pelos objetivos de reflexão, e continuaram brincando com os balões mesmo após o término da prática, prejudicando o andamento das demais atividades. Esta atitude se justifica exatamente em razão de que os/as pré-adolescentes encontram-se no limiar da infância com o início da adolescência e, em casos como este em que estão tratando de assuntos adultos através de “brincadeiras” acaba por surgir uma crise de ambivalência. A dinâmica que propusemos interpola a ludicidade ao aprendizado, mas o comportamento que parte deles/delas ainda demonstra que estão numa fase infantil da pré-adolescência, realizando ações esperadas à crianças e não à adolescentes. Neste momento, ficou bastante claro que eles/elas estão vivendo um momento de transição, e nesse momento o importante não é discutir a sexualidade e sim realizar brincadeira infantil, como jogar os balões para o colega, fazer barulho com os balões, pintar “carinhas” nos balões...

Transição entre infância e vida adulta

Após trabalharmos com os/as adolescentes e com os/as pré-adolescentes, percebemos um real abismo entre essas duas experiências. Essa sensação iniciou já na preparação da metodologia de ensino para o ensino fundamental – em relação à diferença das perguntas destes e dos/das estudantes do ensino médio, e se mostrou muito evidente no decorrer das intervenções realizadas, através de momentos nos quais pudemos observar o comportamento infantil em muitos dos pré-adolescentes. Foram nesses momentos, que nos percebemos diante do momento de passagem entre a infância e a adolescência. Previamente, influenciados pelo trabalho anterior, pensamos que nesta experiência as questões de gênero também se mostrariam como um foco de estudo. Nossa intenção inicial foi investigar como tal problemática se apresentaria no ensino fundamental. A princípio houve certo movimento no sentido dessa perspectiva, na primeira análise das perguntas anônimas, que apontaram os focos prioritários do

prazer para os meninos e receios (dor e gravidez) para as meninas. Porém outra questão foi se delineando e ganhando peso: embora exista uma diferença de idade muito pequena entre os pré-adolescentes em relação aos adolescentes, percebemos que as questões orbitavam em torno do “ritual de iniciação” dos pré-adolescentes para a vida sexualmente ativa. Desta maneira, nessa comunidade estudada, o cerne das dúvidas mostrou-se claramente distinto da que havia sido com os adolescentes: para estes, o sexo em si era a questão; mas para os pré-adolescentes, as dúvidas em relação à primeira relação sexual foram centrais. Isso nos permitiu perceber uma clara distinção existente entre os dois grupos em relação à sexualidade.

Esse abismo comportamental entre pré-adolescentes e adolescentes evidenciou-se ainda mais durante a aplicação das dinâmicas, quando foi difícil manter o andamento das atividades devido a “bagunça” apresentada por parte da turma, cujo interesse foi brincar com os balões e não discutir metáforas que eles poderiam representar. Estas diferenças no comportamento dos dois públicos consistiu em uma grande surpresa para as futuras professoras, pois, apesar de que atitudes diversas são esperadas, não tínhamos a noção da grandiosidade que separa esses jovens no quesito maturidade. Apesar da diferença de idade ser mínima (em média um ano e meio), a maneira como encaram a problemática da vida sexual é completamente diversa. Em suma, ao discutirmos toda a intervenção, desde o planejamento até o final da aplicação, verificamos que nosso foco agora era a primeira relação sexual e as dúvidas, os medos e receios envolvidos neste momento tão delicado e importante na vida destes pré-adolescentes que permeiam essa fase da transição. A iniciação sexual, que é um rito na vida dos indivíduos, envolve transições entre a infância e a juventude.

Neste processo se dá a afirmação da virilidade, a construção sobre a feminilidade e a busca por autonomia (NOLASCO, 1993). A adolescência caracteriza-se por diversas transições, sendo a passagem à sexualidade com parceiro(a) a mais importante. O aprendizado da sexualidade, contudo, não se restringe aos sistemas reprodutores, tampouco ao acontecimento da primeira relação sexual. Trata-se de um processo de experimentação pessoal que se inicia na pré-adolescência e se acelera na adolescência e na juventude (HEILBOM, 2006). Fica evidente que lidar com a sexualidade é muito importante nessa faixa etária, não podendo a escola virar as costas para não ter “dores de cabeça”. Assim, a decisão de parte dos gestores dessa escola em manter uma postura de distanciamento frente a esta problemática, demonstra uma atitude negligente e irresponsável em relação a educação e ao futuro destes jovens, agravada ainda mais pelo fato de existir uma estudante do sétimo ano grávida.

Reflexões sobre o processo de formação de professores

Durante a intervenção com os/as pré-adolescentes nos deparamos com uma situação a qual ainda não estávamos acostumadas: a bagunça dos/das estudantes, a qual gerou um forte sentimento de frustração por não sabermos como contornar a situação satisfatoriamente. Certamente outros fatores influenciaram na frustração: o fato de não possuímos autoridade para chamarmos a ordem adequadamente, a dificuldade encontrada em relação ao tempo disponível para completarmos todo o planejamento da intervenção – por sermos estagiárias não temos a prerrogativa de continuar a aula em um momento posterior, ela deveria se completar no tempo que tínhamos disponível. Mas após o momento da aula, refletindo sobre essa questão, percebemos que principalmente a falta de experiência

em sala-de-aula corroborou para tal sentimento, e entendemos que isso faz parte do aprendizado, nessa formação como professoras.

Em todo esse movimento - incorporação de elementos da e para as práticas com novas leituras para as reflexões, diálogos com o professor orientador e estudantes da escola, pesquisa de materiais, métodos e fundamentações teóricas - o elemento importante foi justamente a formação das futuras professoras a partir das experiências. Sob este aspecto, Tardif, Lessard e Lahaye (1991) apontam que “a relação dos docentes com os saberes não se reduz a uma função de transmissão dos conhecimentos já constituídos, sua prática integra diferentes saberes, com os quais o corpo docente mantém diferentes relações”, sendo “que estes saberes profissionais possuem várias particularidades e uma delas é a de serem situados, construídos e utilizados em função de uma situação de trabalho particular – e é desta forma que estes saberes ganham sentido”(TARDIF, 2000).

Todas as etapas deste Projeto exigiram o conhecimento específico na área de ciências e a didática aplicada às dinâmicas (PIMENTA, 1999), porém, para nós a principal prática para a formação como licenciandas veio da experiência e da possibilidade dialógica e reflexiva para lidar com a educação sexual. A forma menos ortodoxa (partindo da questão do prazer) e mais horizontal (utilizando nos diálogos termos explícitos) foi um desafio, pois nem a escola, nem mesmo os estudantes estavam familiarizados a uma abordagem não sanitária do tema sexualidade. A escolha de trabalhar com esta abordagem reflete o entendimento e a postura das licenciandas frente a este universo, e isto corrobora com as colocações de Tardif (2000) ao afirmar que os professores possuem uma história de vida, personalidade, cultura e seus pensamentos e ações carregam marcas dos contextos nos quais se inserem; e que estes possuem saberes apropriados e incorporados que são difíceis de dissociar das pessoas e de suas experiências. Uma das licenciandas nesse processo reorientou seu próprio caminho, desistindo de seguir na área biológica e optando por encaminhar sua pós-graduação para a área de ensino.

A liberdade concedida para a realização do trabalho propiciou que as licenciandas fossem as protagonistas de sua prática, o que permitiu que realizassem uma leitura crítica de seu trabalho, podendo enxergar falhas, refletir sobre elas e encontrar maneiras de alterá-las, visando o melhor aprendizado por parte dos estudantes. Porém, não apenas os estudantes aprendem a partir destas ações, mas também as licenciandas, que tiveram ali, uma oportunidade ímpar de aprender com a experiência. Tal aprendizado é extremamente valioso, pois parte de reflexões que se fazem a partir da prática, sobre a prática e que será levado para as próximas práticas (SCHÖN, 1983), contribuindo para uma formação da autonomia .

Este é um texto escrito a seis mãos, no qual pretendemos não apagar nem eclipsar as vozes que foram tecendo este processo nesses dois anos de trabalho. A forma para abordar a formação dessas professoras durante os estágios supervisionados da licenciatura envolveu distintas leituras, que se fizeram necessárias para reflexão sobre os eventos que foram sendo vivenciados/percebidos na escola, e muitas reuniões para discutir essas (novas) idéias que se descortinavam para as licenciandas. Essa dinâmica é consistente com a perspectiva do professor-reflexivo, proposta por Schön (1983), considera a experiência como fundamental para a constituição de saberes na docência (TARDIF, 2000) e foi sempre direcionada para a construção da autonomia. A perspectiva que permeou toda a prática formativa sustenta-se no ideal de não-diretividade defendido por Carl Rogers (1983; 2002). Segundo os pressupostos desse autor, para que se construa a autonomia a formação da pessoa deve considerar os processos da própria pessoa, ela deve descobrir seus caminhos - e não ser encaminhada. E as professoras

em formação fazem parte das pessoas em formação, não entendemos que haja possibilidade de separação: o ser humano entendido holisticamente.

Em nenhum momento houve, durante nosso trabalho, qualquer tipo de direcionamento, de proibição, de obrigatoriedade, enfatizando-se sempre o diálogo: a liberdade concedida por parte do professor orientador contribuiu para que as futuras professoras identificassem suas questões-problema e buscassem sua superação, refletindo sobre (seus próprios) planejamentos, ações e avaliações do processo e se percebessem ativas e autoras nesse processo. Não houve hierarquização durante as conversas no grupo, o espaço para colocação de opiniões sempre esteve aberto: por parte do orientador houve apontamentos, sugestões de leituras para auxiliar as reflexões e, certamente, questões problematizando o que estava em pauta, mas não diretividade. Inclusive dentre as sugestões de leitura nem todos os autores foram acatados, havendo escolhas e preferências por parte das licenciandas. Acredito com isso fomentar uma formação não prescritiva, múltipla e plural, que proporciona flexibilidade para refletir e atuar na complexa realidade multicultural das salas de aula; autonomia para saber-se capaz de agir e atualizar-se no universo constantemente mutável da docência.

Referências

- BRÊTAS, J. R. da S. *et al.* Os rituais de passagem segundo adolescentes. v. 21. n.3. *Acta Paul Enferm.* São Paulo: Unifesp, 2008.
- INSTITUTO PROMUNDO *et al.* *Era uma vez outra Maria*. 2006. (Filme didático). Disponível em: <http://www.promundo.org.br/canal-promundo/era-uma-vez-outra-maria-3>. Acesso em 13 ago. 2010.
- HEILBORN, M. L. Experiência da sexualidade, reprodução e trajetórias biográficas juvenis. In: Heilborn ML, Aquino EML, Bozon M, Knauth DR, organizadores. *Aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond: Fiocruz, 2006.
- MADUREIRA, V. S. F.; TRENTINI, M. Da utilização do preservativo masculino à prevenção de DST/AIDS. *Ciência e Saúde Coletiva*. v.13, n.6. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
- MIZUKAMI, M. da G. N. Formação de professores: tendências atuais - in: Reali, A.M.M.R.; Mizukami, M.G.N. (org) – *Formação de professores: tendências atuais*. São Carlos: EDUFSCaR, 1996.
- NOLASCO, S. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- OLIVEIRA, J. F. de. *Mulheres (Con)Vivendo com drogas: vulnerabilidade e representações sobre AIDS*. Dissertação de Mestrado. UFBA, 2001.
- PARKER, R. Aspectos antropológicos da epidemia do HIV/aids no Brasil. *A epidemia da aids no Brasil: Situação e tendências*. Brasília: Ministério da saúde. 1997.
- PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In S.G. Pimenta (Org.). *Saberes Pedagógicos e Atividades Docentes*. São Paulo: Cortez, 1999.
- PRIOTTO, E. P. *Dinâmicas de grupo para adolescentes*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- RIVEMALES, M. da C. C.; ALMEIDA, L. C. G. de; PARGA, E. J. de S. Comportamento Sexual de Pessoas HIV Positivas em Relação ao uso do Preservativo. *Diálogos & Ciência - Revista da Rede de Ensino FTC*. n.17, 2009.
- ROGERS, C. R. *Um jeito de Ser*. São Paulo: EPU, 1983.

ROGERS, C. R. *Grupos de Encontro*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SANCHES, K. R. de B. *A AIDS e as Mulheres Jovens: Uma Questão de Vulnerabilidade*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1999.

SCHÖN, D. A. *The Reflective Practitioner: how professionals think in action*. London: Temple Smith, 1983.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério. *Revista Brasileira de Educação*. n. 13. 2000.

TARDIF, M.; LESSARD, C., LAHAYE, L. Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente. *Teoria & Educação*. n. 4. Porto Alegre: Pannônica, 1991.

* Doutor em Educação, Professor do Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar – Campus Sorocaba. E-mail: hylio@ufscar.br

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Biológica e Conservação, na Universidade Federal de São Carlos. Bióloga graduada no curso de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas, no Campus Sorocaba da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: ceciliajojima.ufscar@gmail.com

***Especialização em Bioética pela Universidade Estadual de Londrina, Brasil. Graduanda em Biologia na Universidade Federal de São Carlos. E-mail: janeconzatti@gmail.com

Recebido em 30/05/2016

Aprovado em 27/06/2016